

O Complexo Extractivo-Energético e as Relações Económicas entre Moçambique e a África do Sul

Carlos Nuno Castel-Branco
carlos.castel-branco@iese.ac.mz

II Conferência do
Instituto de Estudos Sociais e Económicos (IESE)
*“Dinâmicas da Pobreza e Padrões de Acumulação Económica
em Moçambique”*

Grupo Temático I: *“Padrões de acumulação económica e o papel da indústria extractiva”*
Maputo, 22 e 23 de Abril

Estrutura da Apresentação

- Traços dominantes da base produtiva e de acumulação em Moçambique
- Evidência
- Conclusões

Traços Dominantes da Base Produtiva e de Acumulação em Moçambique

- O Complexo Extractivo-Energético (CEExEn) regional
 - Definição nuclear: indústrias extractivas e directamente relacionadas (fornecedores de bens e serviços industriais e os processadores das matérias-primas)
 - Definição dinâmica do CEExEn (ligações económicas, sociais e institucionais mais amplas):
 - ❖ Modo de acumulação e opções de desenvolvimento
 - ❖ Comportamento macroeconómico:
 - o Estrutura e sustentabilidade do crescimento e do emprego
 - o Impacto nos outros sectores – externalização de custos
 - o Apropriação, retenção e distribuição da riqueza
 - o Como é que a economia é financiada
 - ❖ Finanças e investimento (incluindo investimento cruzado entre corporações)
 - ❖ Implicações institucionais – políticas e dinâmicas de incentivos

Traços Dominantes da Base Produtiva e de Acumulação em Moçambique

- A penetração do CExEn na economia de Moçambique e o seu papel estruturante do modo de acumulação:
 - Trabalho migratório e a reprodução da força de trabalho;
 - Serviços de transporte e o financiamento da balança de pagamentos
 - Estrutura energética da região e reservas energéticas de longo prazo
 - Uma economia de extracção com rendas e as possibilidades de ISI
- Mudanças nas formas de domínio do CExEn pós-apartheid
 - Da exportação de serviços para a exportação de bens (recursos naturais) e serviços energéticos: o IDE e a reestruturação da base produtiva
 - Uma economia de extracção sem rendas e a liquidação da ISI
 - Globalização do CExEn – China e Brasil e a nova contenda/disputa sobre África (*scramble for Africa*)

Traços Dominantes da Base Produtiva e de Acumulação em Moçambique

- Desindustrialização da economia nacional, definida com base em cinco características fundamentais:
 - Especialização crescente em actividades de natureza extractiva (carvão, gás, areais pesadas ou minerais, florestas, actividades agrícolas primárias – tabaco, óleos vegetais para biocombustíveis, florestas – e pescas)
 - Perca de ligações, articulações e qualificações e, por consequência, de capacidades de substituir importações e fornecer bens e serviços diversificados à economia nacional, e de adicionar valor a jusante de produtos primários; produção substituída por representação comercial de “marcas” internacionais, sem sequer incluir capacidade de fornecer assistência técnica; mercado doméstico mas subdesenvolvido e mais “elitista”
 - Emprego centrado em torno de actividades extractivas ou serviços, com crescente perca de qualificações e experiência industrial e contracção de oportunidades de emprego;

Traços Dominantes da Base Produtiva e de Acumulação em Moçambique

– Fragilidades macroeconómicas:

❖ Sustentabilidade do crescimento

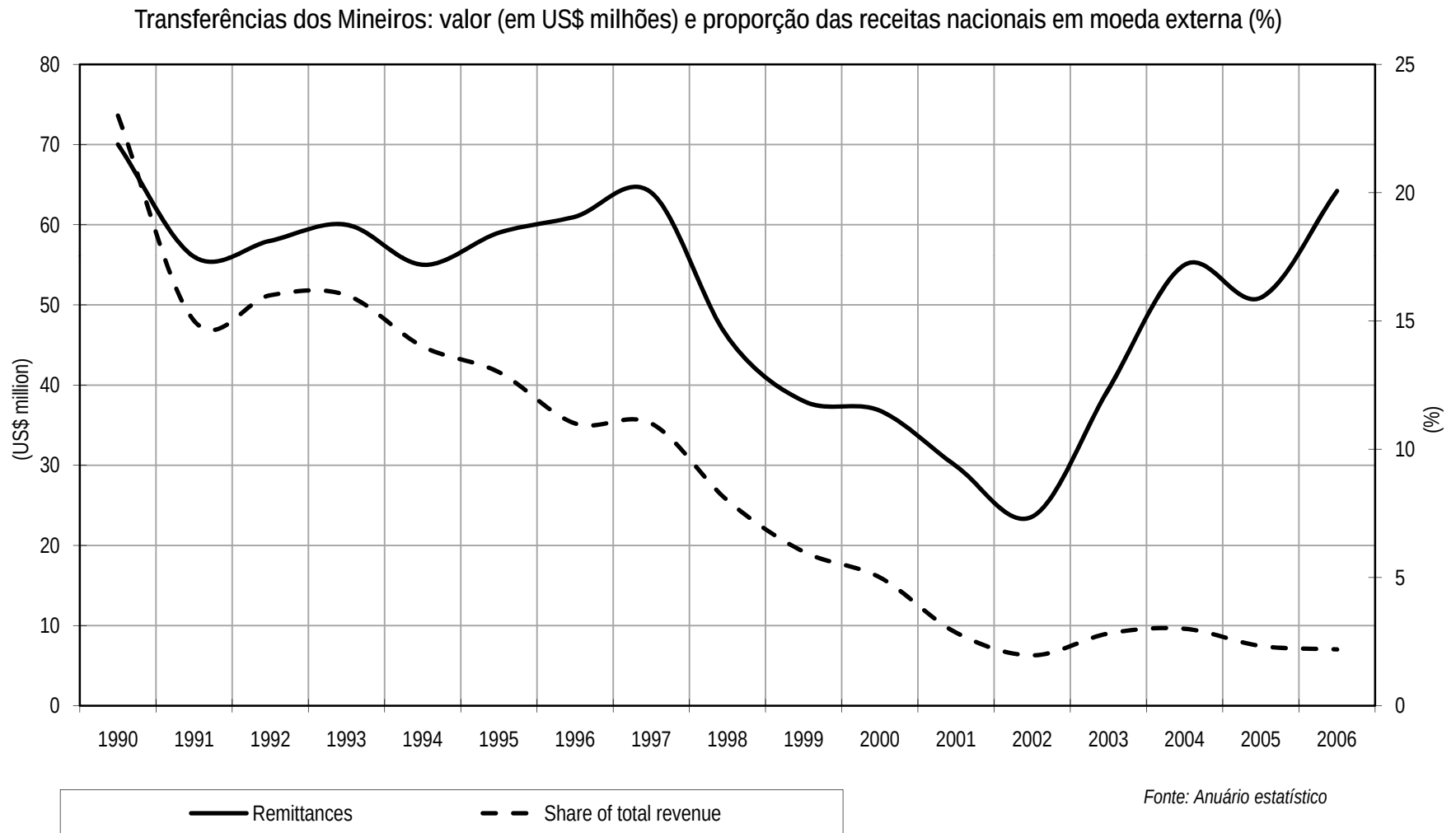
- o Base: recursos não renováveis
- o Volatilidade
- o Dependência do mercado externo (de natureza oligopolista) e de dinâmicas de acumulação sobre as quais as políticas e estratégias nacionais não têm impacto
- o Fraqueza das articulações domésticas impõe fortes limites para: o crescimento, o valor acrescentado, a criação de novas oportunidades, a emergência de economias de diversificação (horizontal e vertical), a expansão rápida do emprego e a retenção de riqueza
- o Debilidade da base fiscal (impacto de incentivos fiscais e da necessidade de desviar recursos para estabilização e compensação)
- o Pressões sobre a balança de pagamentos: alta elasticidade das importações relativamente ao investimento (incapacidade de substituir importações) , volatilidade das exportações, fraca retenção de recursos (debilidade da base fiscal + repatriamento de lucros + outros custos do investimento estrangeiro), sujeição ao alto risco dos mercados internacionais de capital (comportamento de “manada”);

❖ Incapacidade de mobilizar recursos de forma sustentável – dependência externa para financiar despesa pública e importações não relacionadas com mega IDE

Traços Dominantes da Base Produtiva e de Acumulação em Moçambique

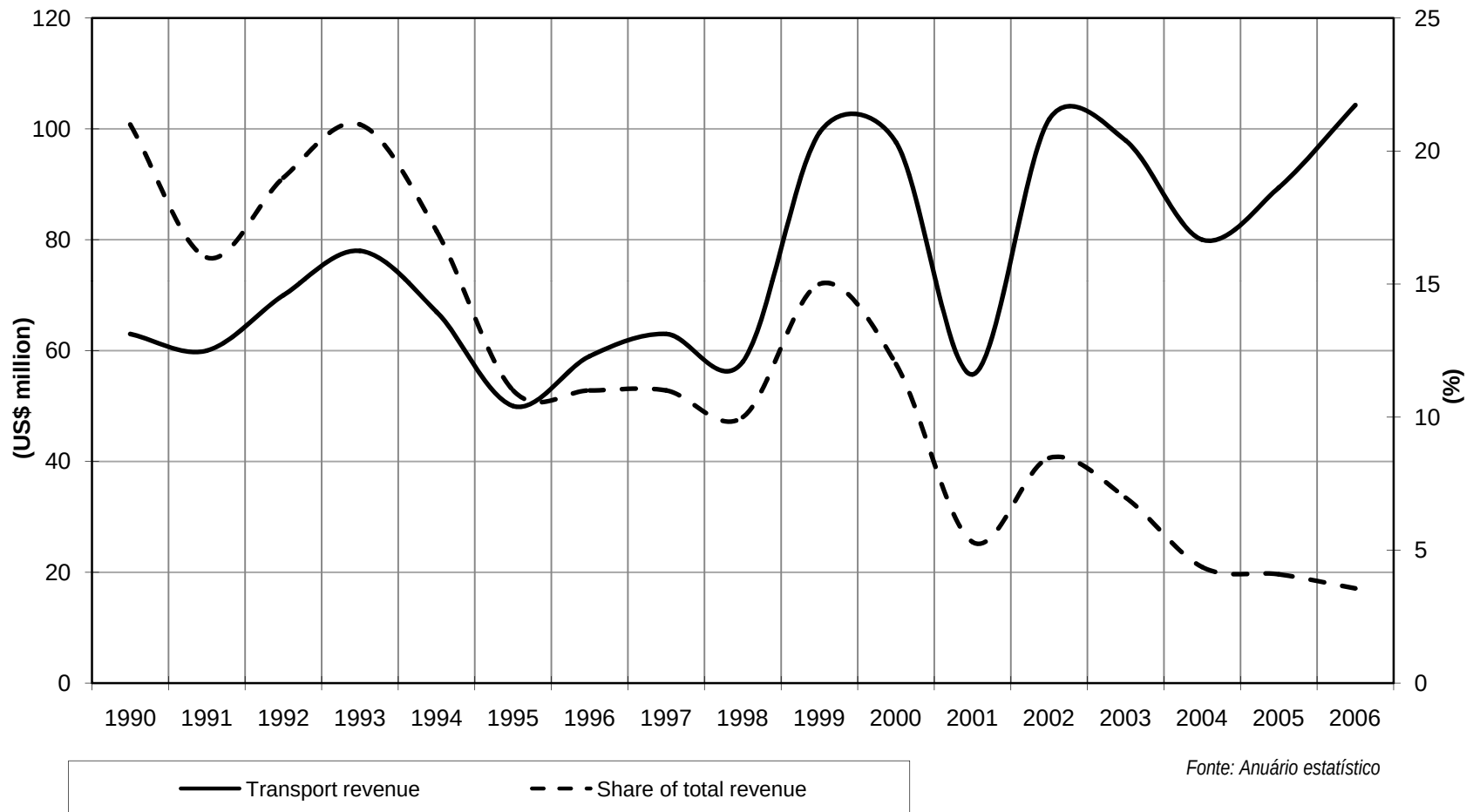
- Sustentabilidade intergeracional do desenvolvimento – o que é que as futuras gerações vão herdar de nós?
 - ❖ A questão ambiental
 - ❖ O problema das opções alternativas a recursos não-renováveis
 - o Onde se extraem recursos não-renováveis há outros modos de vida. Será sempre a extracção de recursos não-renováveis a melhor opção? A curto prazo e a longo prazos, qual é o impacto nas oportunidades de vida e desenvolvimento e na reprodução e valorização da riqueza natural das pessoas, comunidades e regiões afectadas?
 - o Se os recursos são não-renováveis, quais são as oportunidades depois de se esgotarem?
 - o Dadas as pressões ambientais, dado o incremento dos custos de extracção e da energia, e dado a tendência para o esgotamento destes recursos, a tendência tecnológica e produtiva aponta para aceleração das taxas de substituição do uso destes recursos na produção – qual é o impacto disto nas novas gerações que venham a herdar, de nós, um modo de vida estruturado em torno do CExEn?

Evidência – trabalho migratório



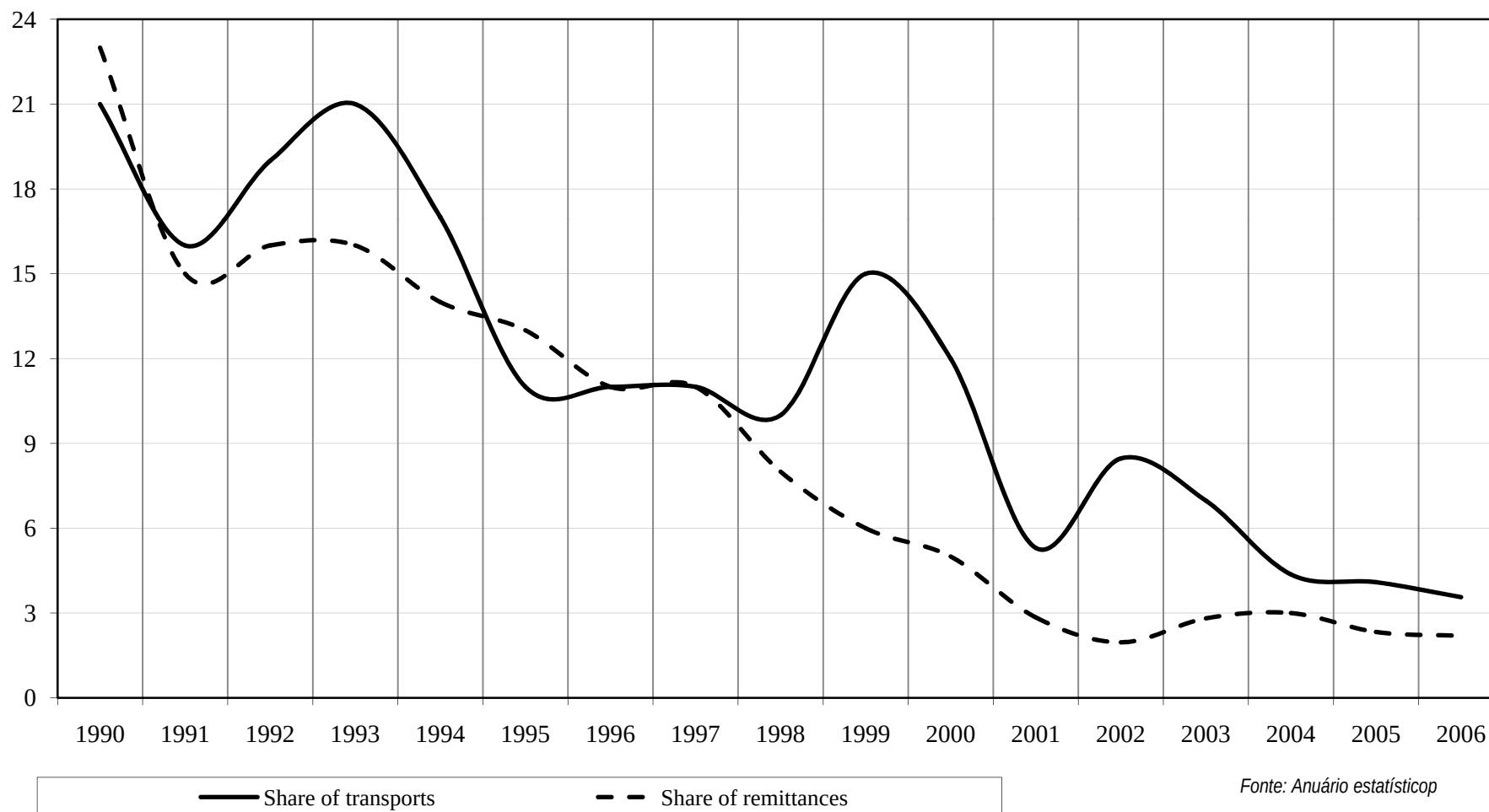
Evidência – serviços de transportes

Contribuição dos transportes ferro-portuários para as receitas nacionais em moeda externa: em valor (US\$ milhões) e em proporção das receitas totais (%)



Evidência – declínio do papel da exportação de força de trabalho e serviços

Receitas de transportes ferro-portuários e transferências dos trabalhadores migrantes na África do Sul
como proporção das receitas nacionais em moeda externa (%)



Evidência – comércio, integração regional e reprodução do padrão e modo de acumulação económica

- Os três quadros anteriores mostram o declínio acentuado do peso relativo das duas formas dominantes de estruturação do modo de acumulação em Moçambique pelo CExEn sul-africano (trabalho migratório e transportes ferro-portuários).
- Dado que o contributo nominal (em valor) do trabalho migratório e dos transportes ferro-portuários não diminuiu (embora tivesse flutuado significativamente), a explicação para a redução rápida do seu peso relativo está no crescimento rápido de outros factores – nomeadamente as exportações dos mega projectos associados com o CExEn e com forte participação de capital sul-africano.

Evidência – comércio, integração regional e reprodução do padrão e modo de acumulação económica

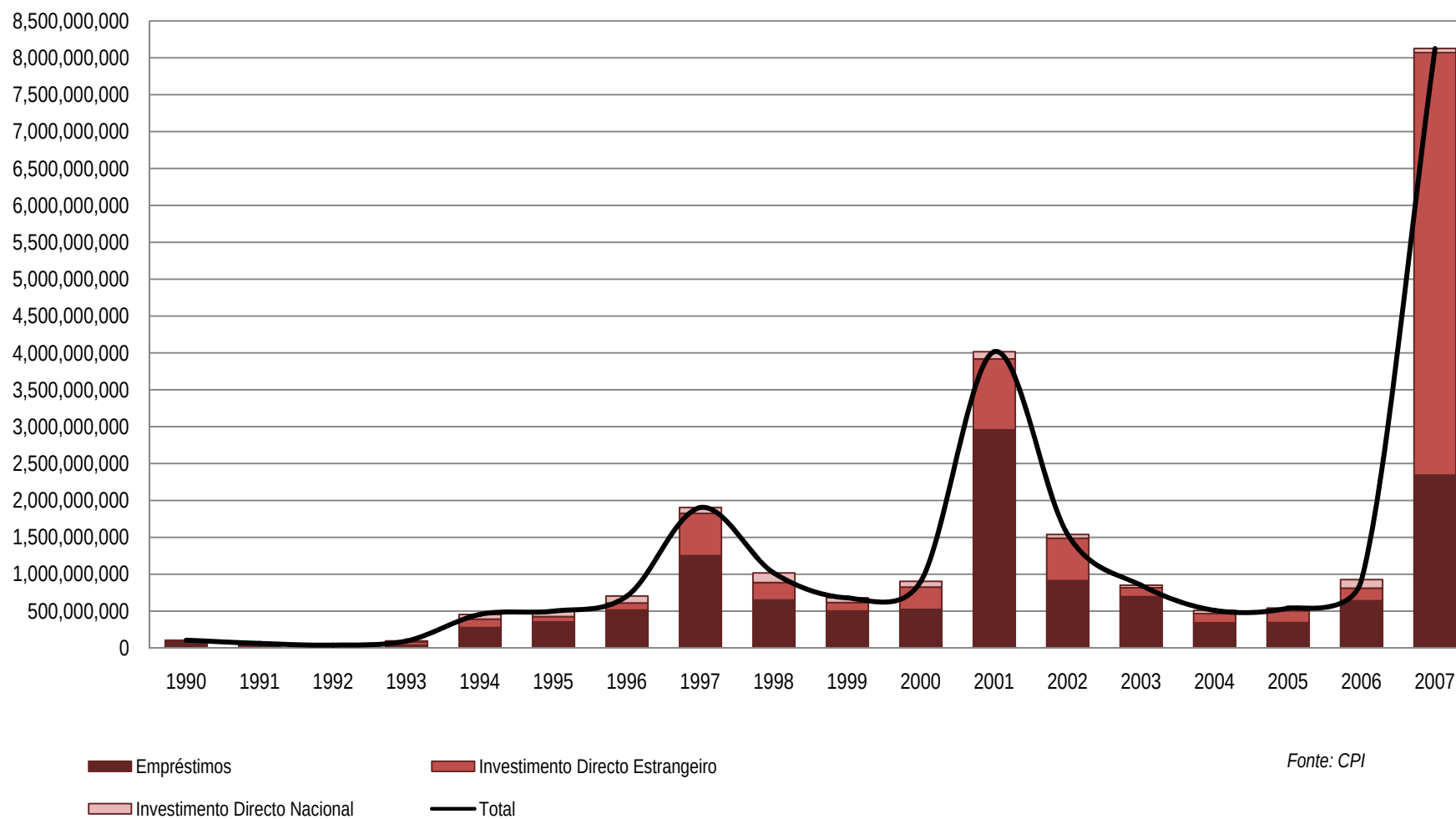
- Uma visão de integração assente na liberalização comercial e do investimento dentro da SADC e a reprodução da divisão de trabalho. Alex Erwin (Ministro sul-africano) e a importância das infra-estruturas de transporte e energia:
 - Centro industrial – África do Sul – em rápida expansão, requerendo matérias primas em especial madeiras e fibras sintéticas, e mais energia;
 - Infra-estruturas de transporte e energia ligam África do Sul com o resto da região
 - ❖ Indústria sul-africana expande
 - ❖ Ganhos de competitividade da indústria sul-africana são partilhados na região
 - Potenciam novos grandes projectos na região (indústria extractiva e energética)
 - Criam incentivo para penetração do grande capital privado no domínio da infra-estrutura de transporte e energia

Evidência – comércio, integração regional e reprodução do padrão e modo de acumulação económica

- Integração regional como instrumento de hegemonia do CExEn na região – o domínio do grande capital extractivo e oligopolista, bem como a promoção da malha industrial integrando a região no “mercado doméstico” sul-africano.

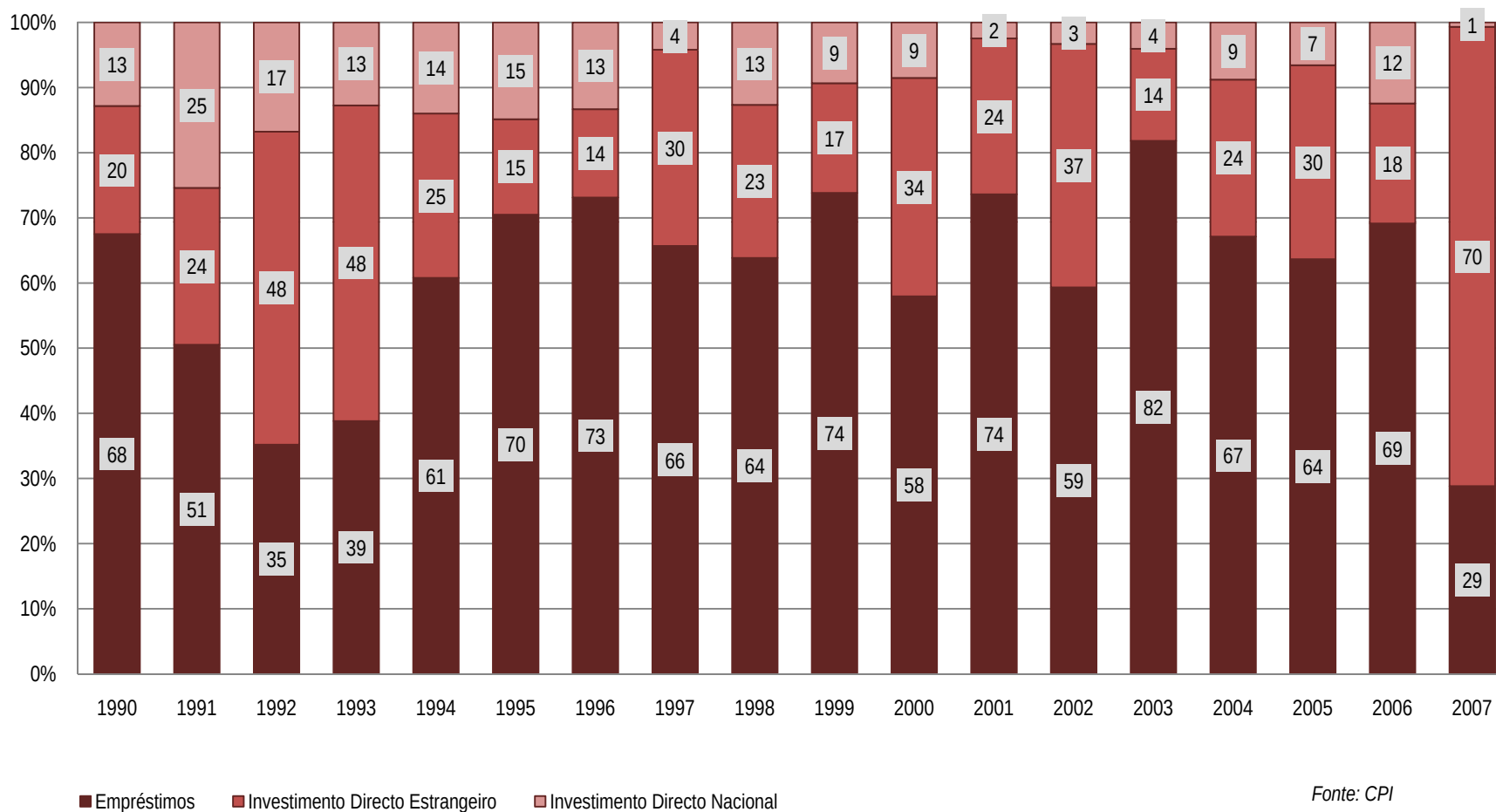
Evidência – investimento directo estrangeiro

Investimento privado aprovado em Moçambique por fonte e por ano (US\$)



Evidência – investimento directo estrangeiro

Investimento privado aprovado em Moçambique por fonte e por ano (% do investimento privado total)

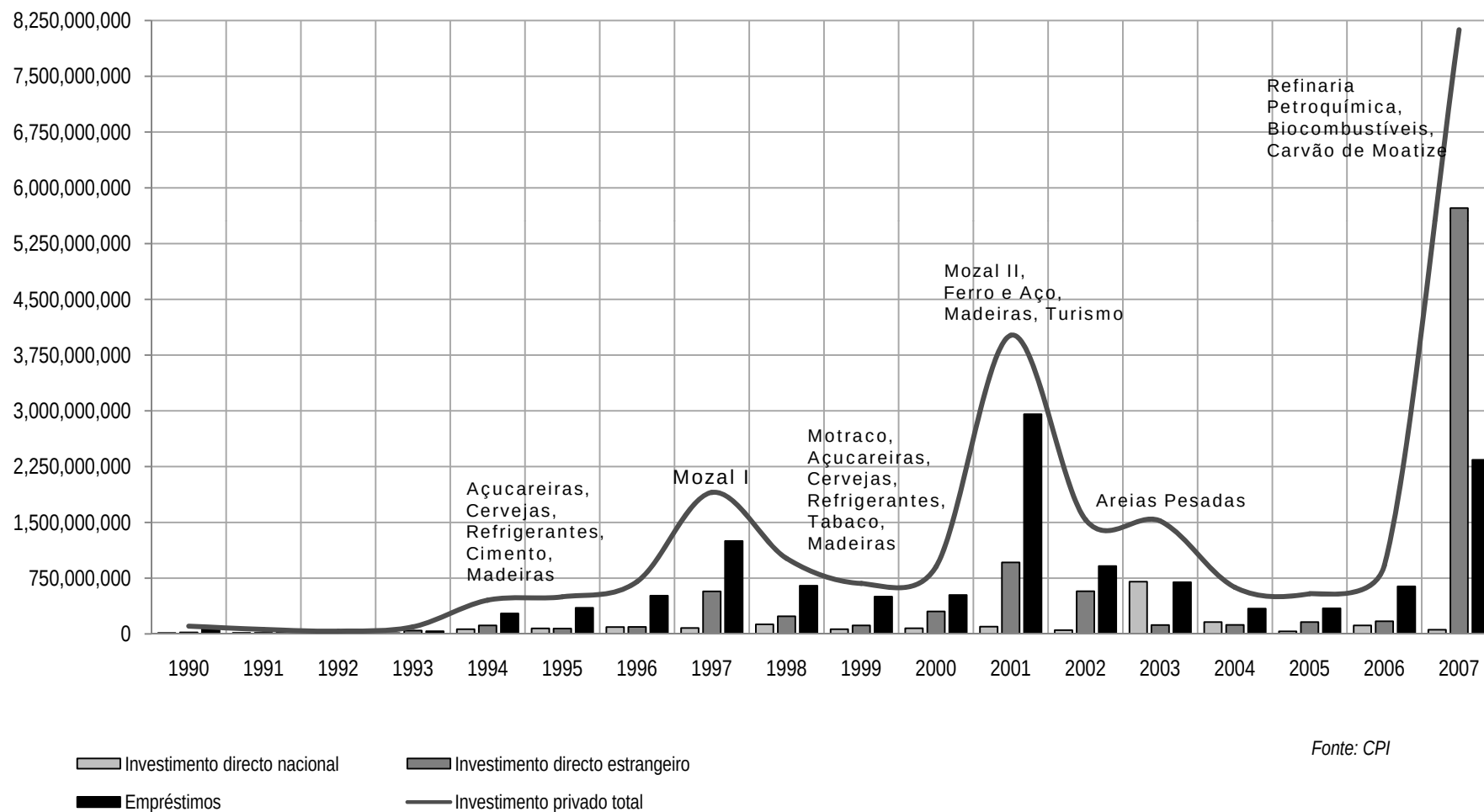


Evidência – estrutura e tendências do investimento privado

- Os dois quadros anteriores mostram que investimento privado nacional não só é completamente marginal, como também só nos anos de fluxos de investimento muito pequenos é que o IDN adquire alguma relevância
- Obviamente, o investimento estrangeiro é completamente dominante e o funcionamento da economia financeira regional – incluindo em Moçambique – é muito marcada pelo padrão de investimento estrangeiro. Por exemplo, dados do Banco de Moçambique indicam que nos últimos 3 anos o sector financeiro tem sido o terceiro maior destino de IDE em Moçambique (depois dos recursos minerais e indústria transformadora)

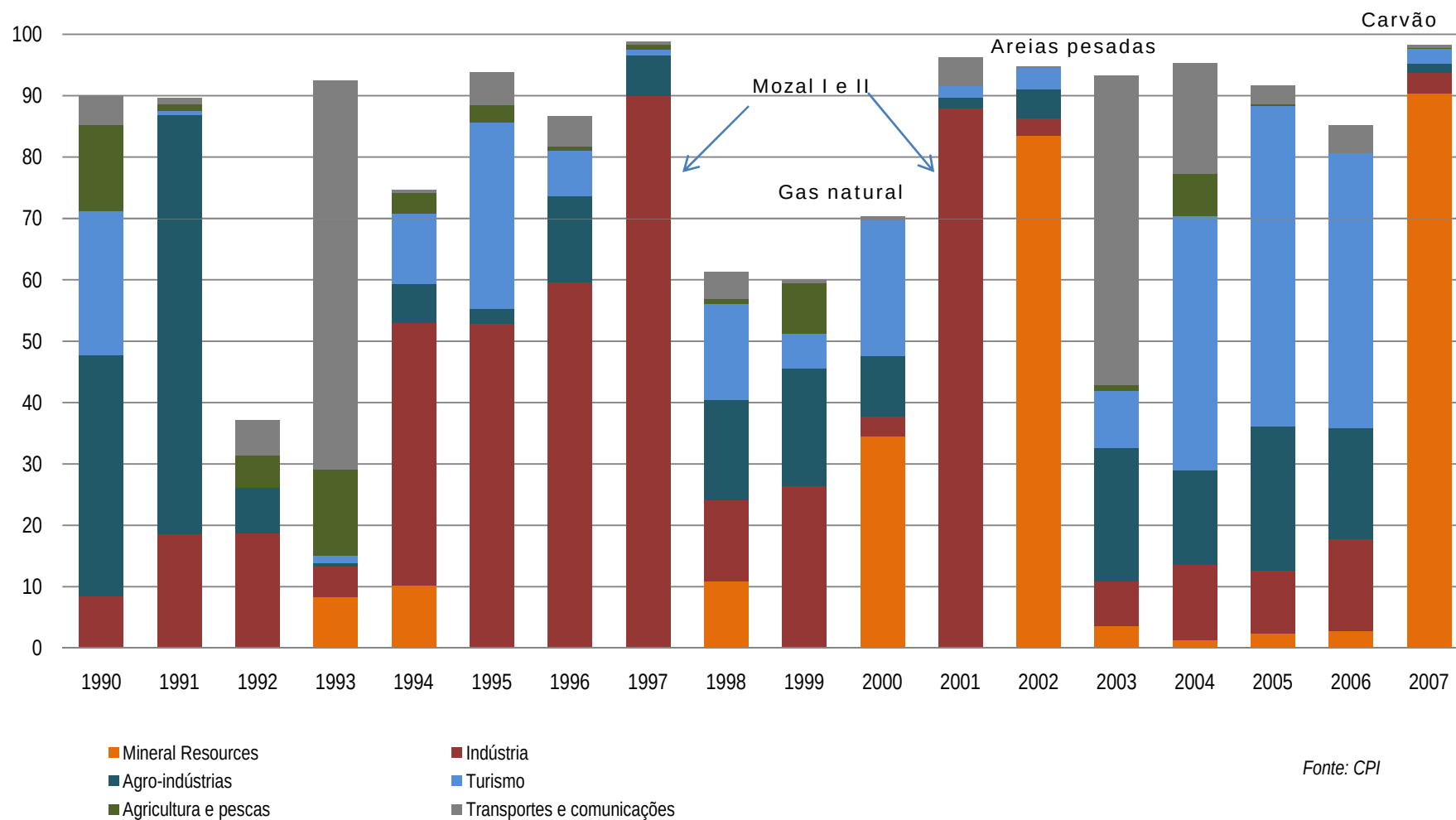
Evidência – investimento directo estrangeiro

Investimento privado aprovado em Moçambique por ano (1990-2007), por fonte e com referência a sectores determinantes dos picos de investimento (em US\$)



Evidência – investimento directo estrangeiro

Investimento directo estrangeiro aprovado por sector seleccionado em Moçambique
(% do investimento directo estrangeiro total)



Fonte: CPI

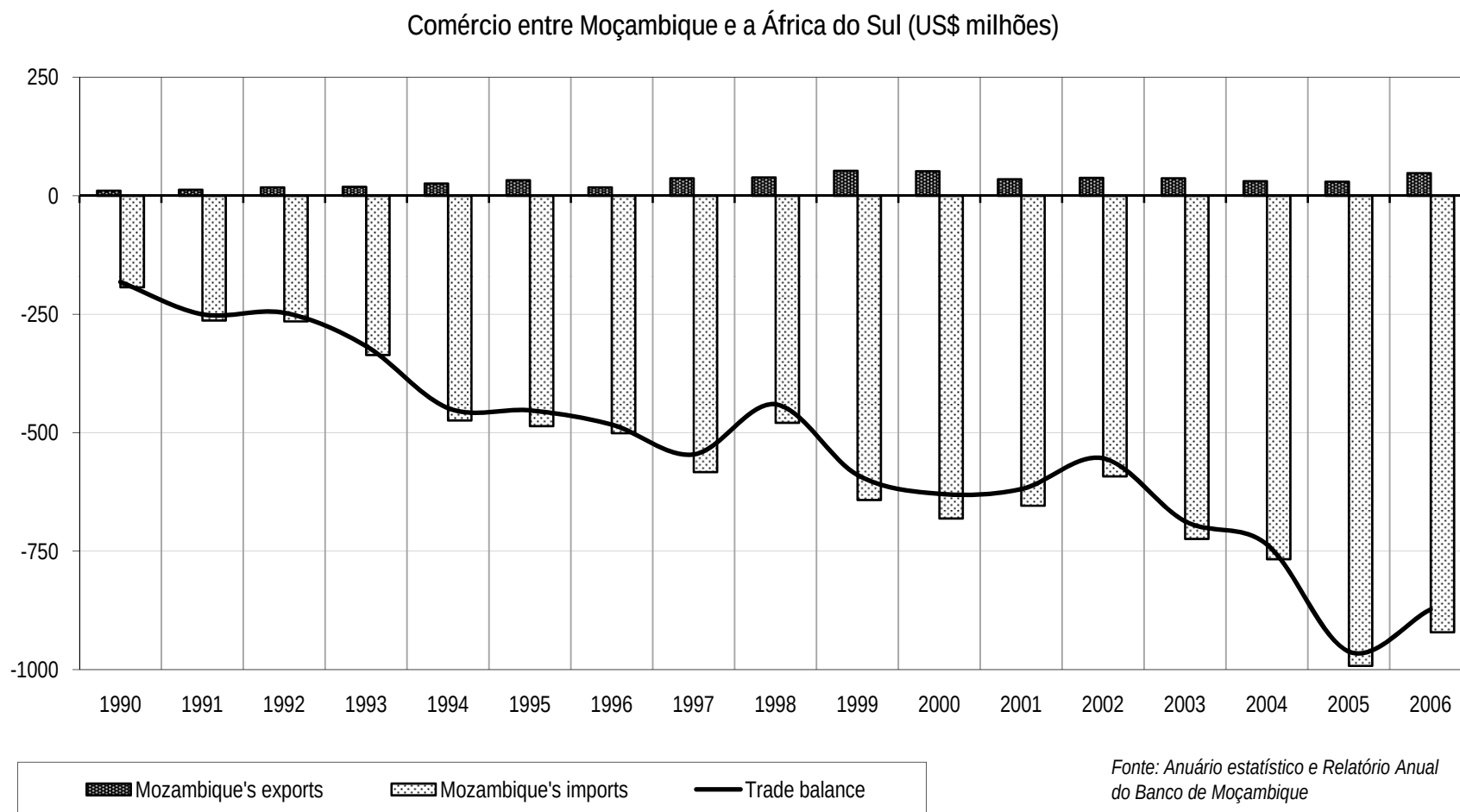
Evidência – estrutura e tendências do investimento privado

- Os dois quadros anteriores mostram que a alocação de investimento privado é dominada:
 - Pelas dinâmicas do IDE...
 - ...Que são focadas no CExEn e outras indústrias de natureza oligopolista.
- Os quadros também mostram que o fluxo de investimento é muito irregular e descontínuo, assemelhando-se ao de uma grande empresa e não ao de uma economia. Isto é sinal de investimento estar concentrado em poucos projectos muito grandes, o que contribui para confirmar a hipótese de excessiva especialização e concentração do padrão de investimento e acumulação económica.

Evidência – investimento directo estrangeiro

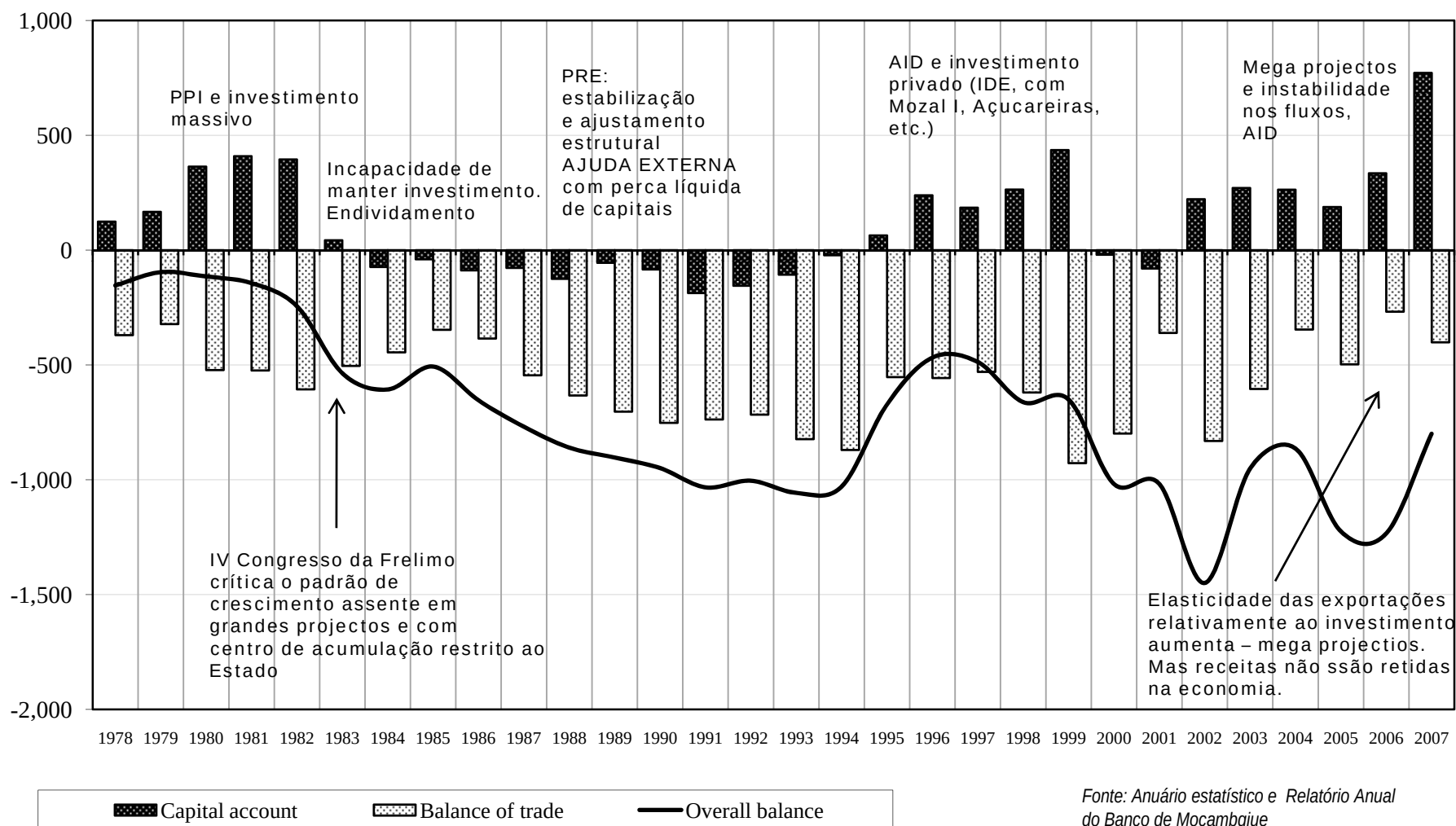
- Dados do Banco de Moçambique e do CPI indicam que:
 - Capital sul-africano ou baseado na África do Sul participa em 25%-30% dos projectos de investimento privado em Moçambique com participação de capital estrangeiro;
 - O peso do IDE sul-africano tem sido mantido relativamente constante à volta de 35% do IDE total em Moçambique. A África do Sul tem, também, liderado no que diz respeito à origem dos capitais – tendo sido o primeiro nos últimos anos da década de 1990, e em 4 dos últimos 8 anos desta década;
 - Capital sul-africano está envolvido nos mega-projectos e outros projectos de grande envergadura: Mozal I e II, Sazol, areias pesadas de Chibuto, Petroquímica de Nacala, corredor de Maputo, parque transfronteiriço do Limpopo, assim como em biocombustíveis. Capital sul-africano é igualmente dominante numa série de indústrias com carácter oligopolista: cervejas, refrigerantes, açucareiras...
 - Brasil subiu para o segundo lugar no que diz respeito à origem do IDE, por causa do carvão de Moatize; e a Austrália, com fortes interesses nas areias pesadas e alumínio, tem-se situado entre a 3ª e 4ª lugar;

Evidência – comércio e balança comercial

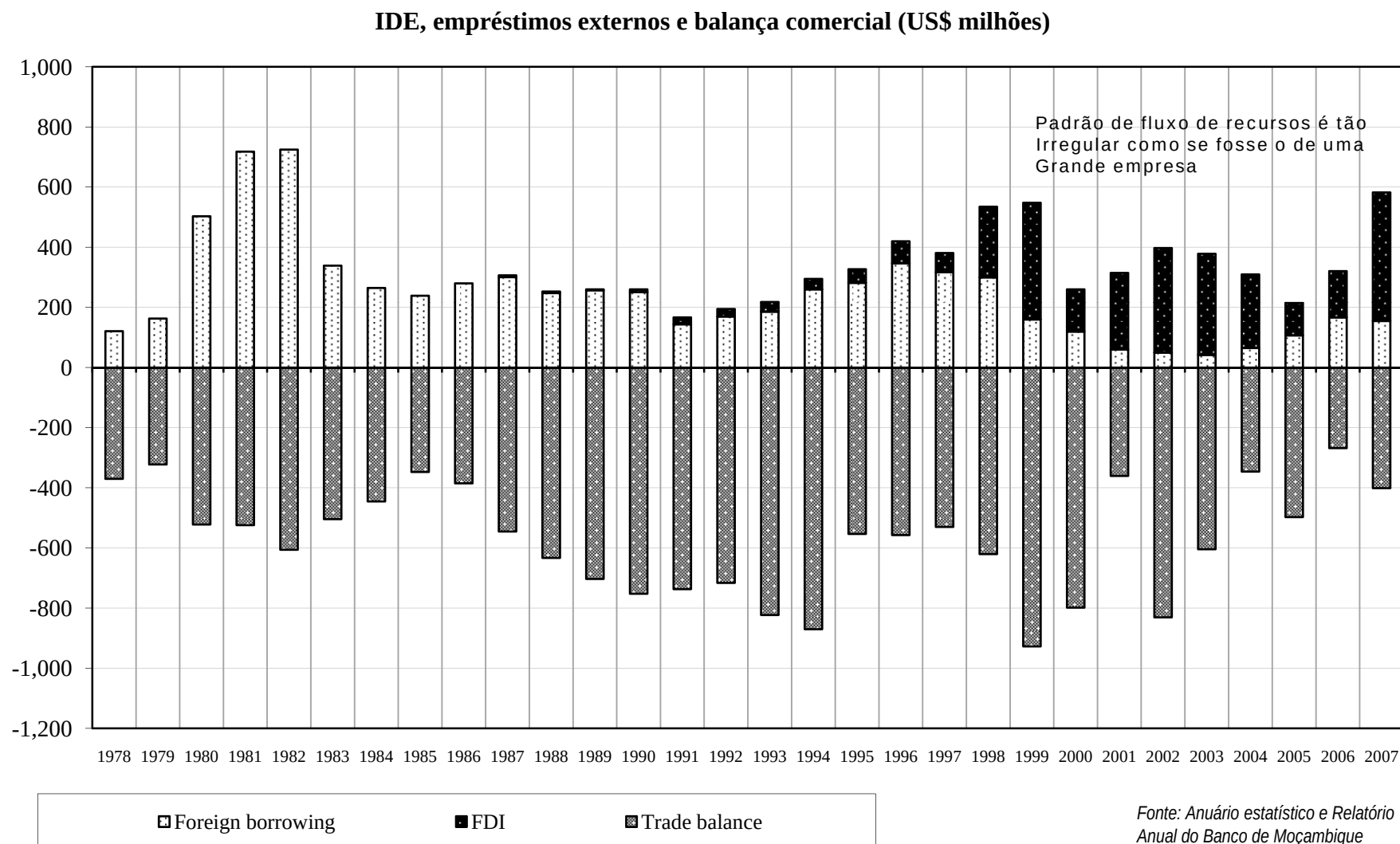


Evidência – conta de capitais, comercial e balança global

Défice comercial, conta de capitais e dinâmicas de investimento (US\$ million)

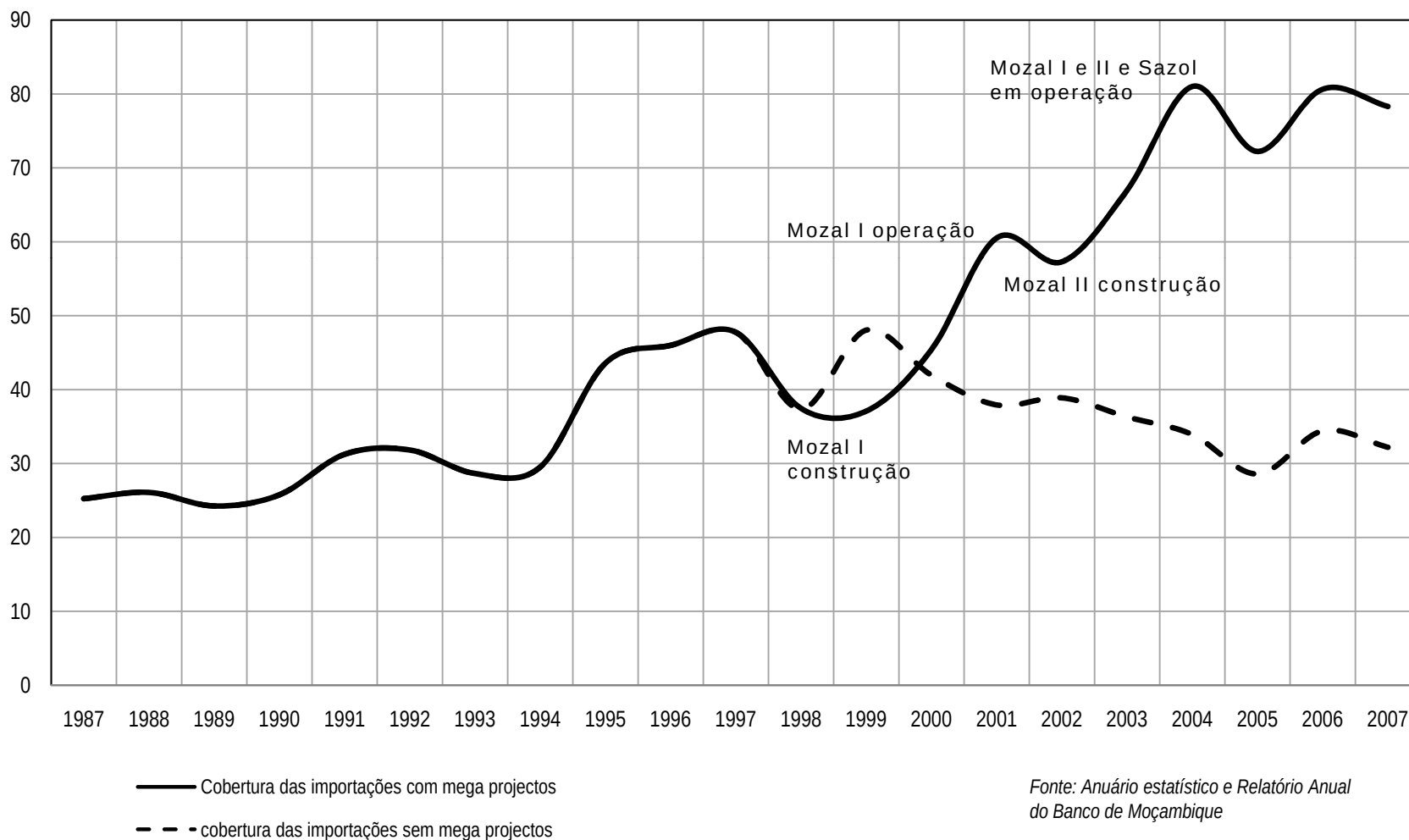


Evidência – conta comercial e investimento directo estrangeiro



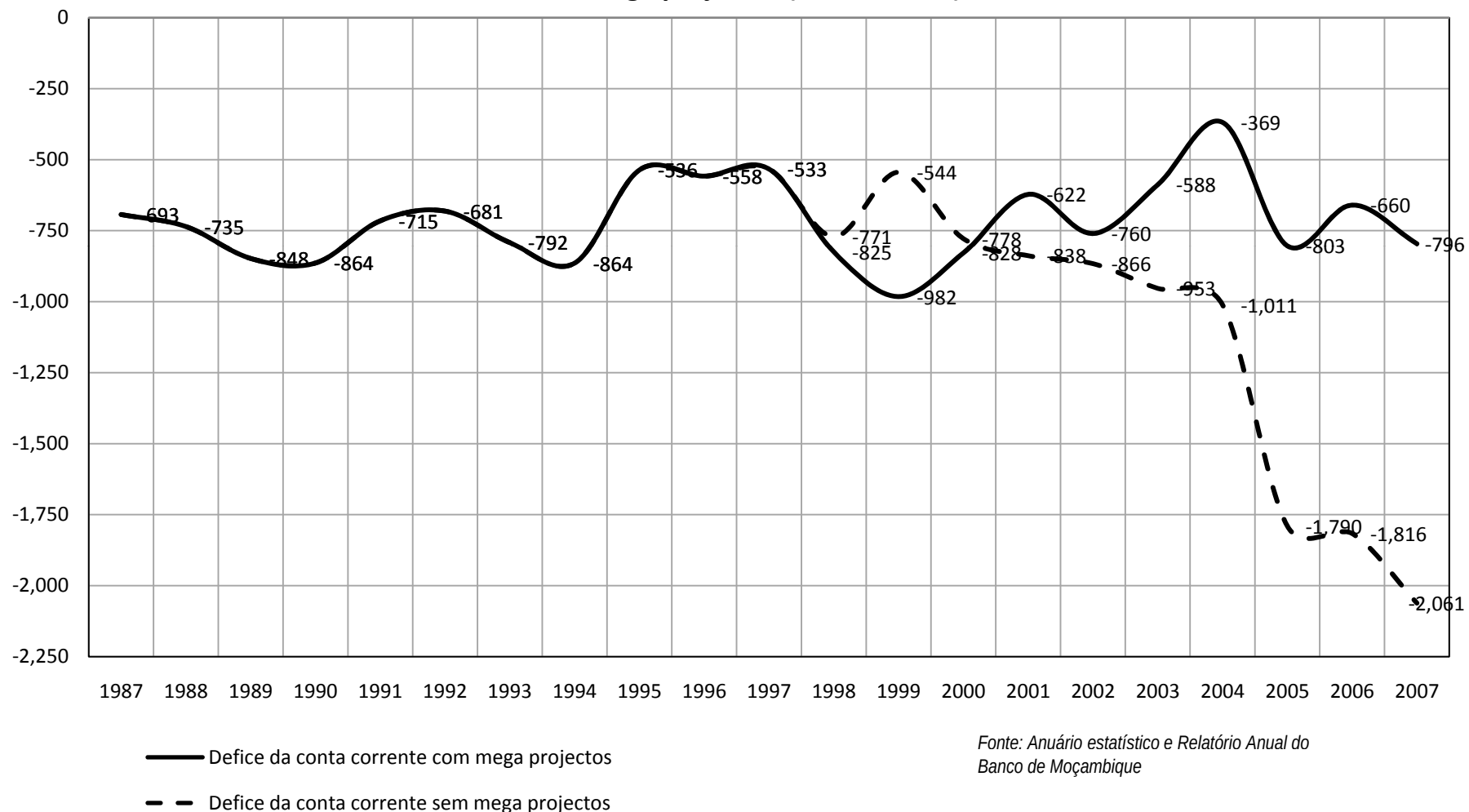
Evidência – taxa de cobertura das importações

Taxa de cobertura das importações com e sem mega projectos (em %)



Evidência – conta corrente e estrutura do investimento e produção

Defice da conta corrente (excluindo saldos dos rendimentos e transferências correntes) com e sem mega projectos (US\$ milhões)



Evidência – exportações, importações e investimento privado

- Os cinco quadros anteriores mostram cinco características centrais da base produtiva de Moçambique:
 - Primeiro, a elevada elasticidade das importações relativamente ao investimento, o que é um sinal claro da incapacidade de substituir importações e articular actividades e ligações produtivas (verticalmente e horizontalmente). Exemplo disto é o facto de que mais de 40% das importações de Moçambique vem da África do Sul, e que nos períodos de pico de investimento a estrutura das importações originadas na África do Sul se concentra em equipamento e matérias-primas industriais e materiais e equipamento de construção.

É sintomático, também, que uma elevada proporção das importações de Moçambique vindas da África do Sul consiste em energia eléctrica.

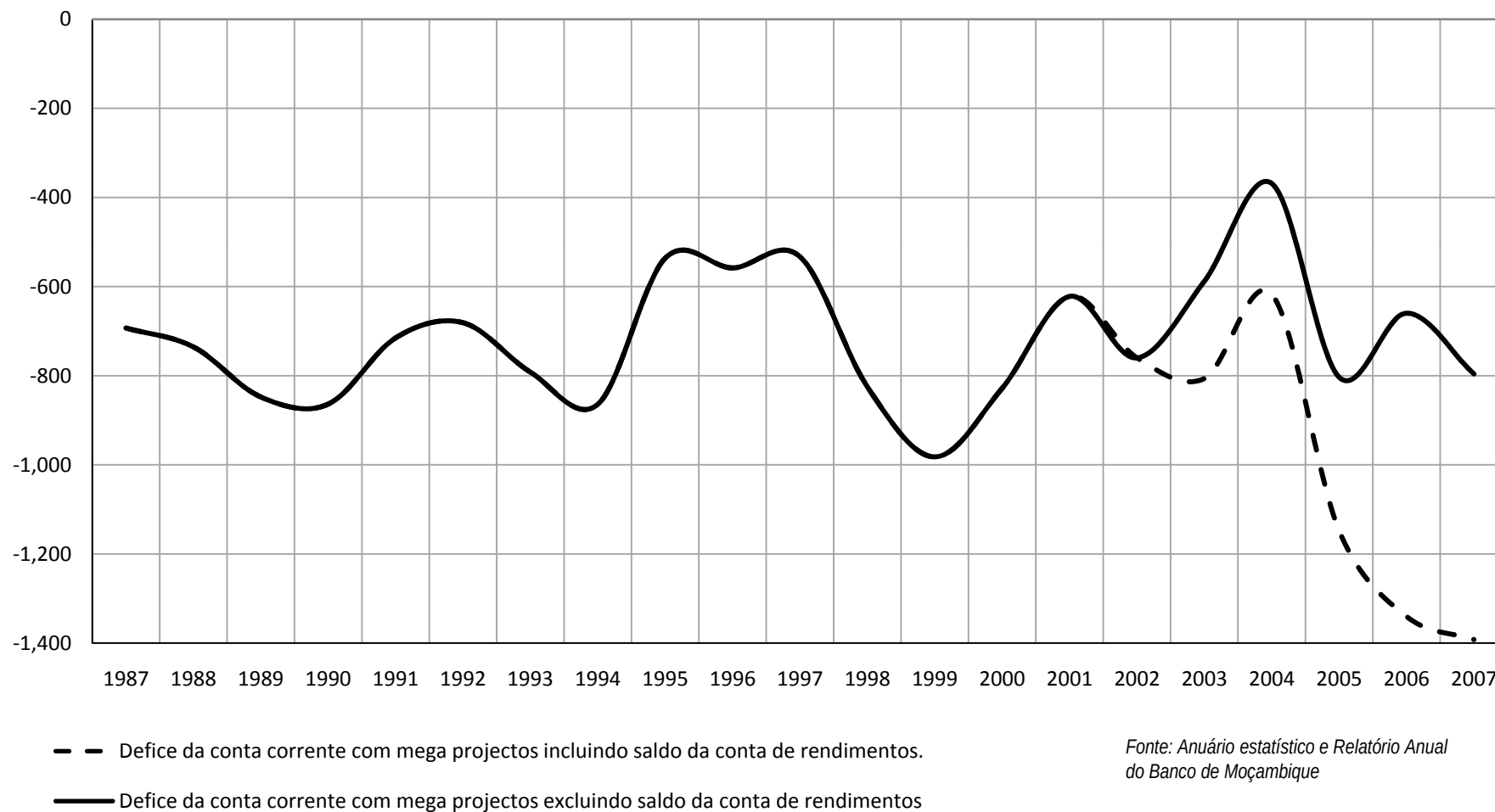
Portanto, o défice comercial com a África do Sul não é apenas revelador das diferenças de competitividade; é sobretudo revelador das diferenças de estrutura produtiva e comercial. Moçambique não compete, em vez disso depende, de importação de capacidade produtiva.
 - Segundo, a elasticidade das exportações relativamente ao investimento aumentou por efeito quase exclusivo dos mega projectos;

Evidência – exportações, importações e investimento privado

- Terceiro, excluindo os mega projectos, a capacidade de sustentar importações está, em 2007, ao nível em que se encontrava no ano em que terminou a guerra, o que indica a incapacidade de diversificar exportações e substituir importações
- Quarto, a economia Moçambicana está a parecer-se cada vez mais com a economia colonial na fase anterior ao “boom” industrial da década de 1960 – desarticulada, diminuto mercado doméstico, exporta o que produz e importa o que consome
- Quinto, se não fosse pelos fluxos de ajuda externa (US\$ 1.3 biliões em 2008 para financiar despesa pública) e se não fosse pelo facto de que investimento estrangeiro é superior a 90% do investimento privado, a economia já teria voltado para o estado de aguda crise anterior ao PRE.

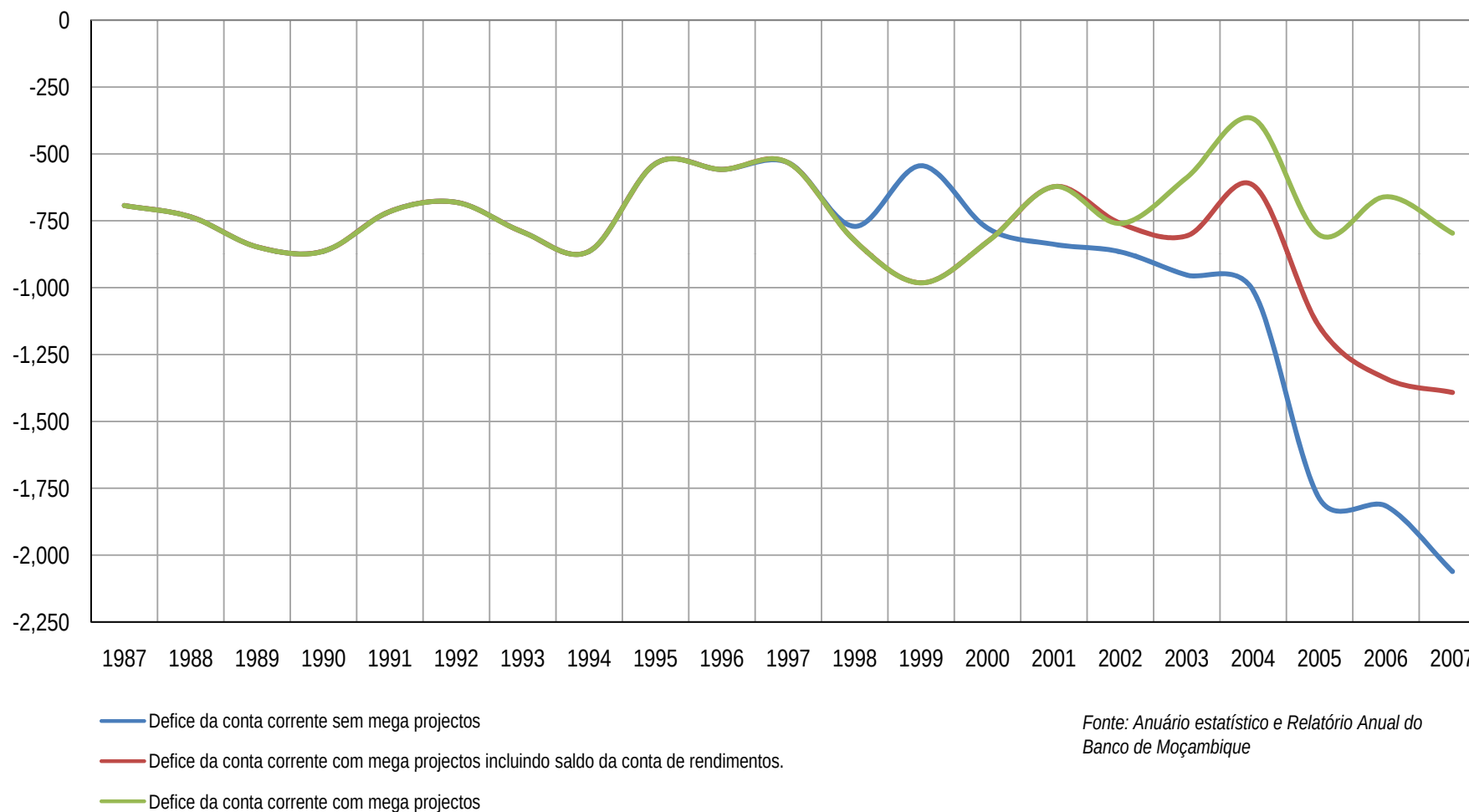
Evidência – conta corrente e mega projectos

Défice da conta corrente com mega projectos, excluindo e incluindo o impacto dos mega projectos no saldo da conta de rendimentos (US\$ milhões)



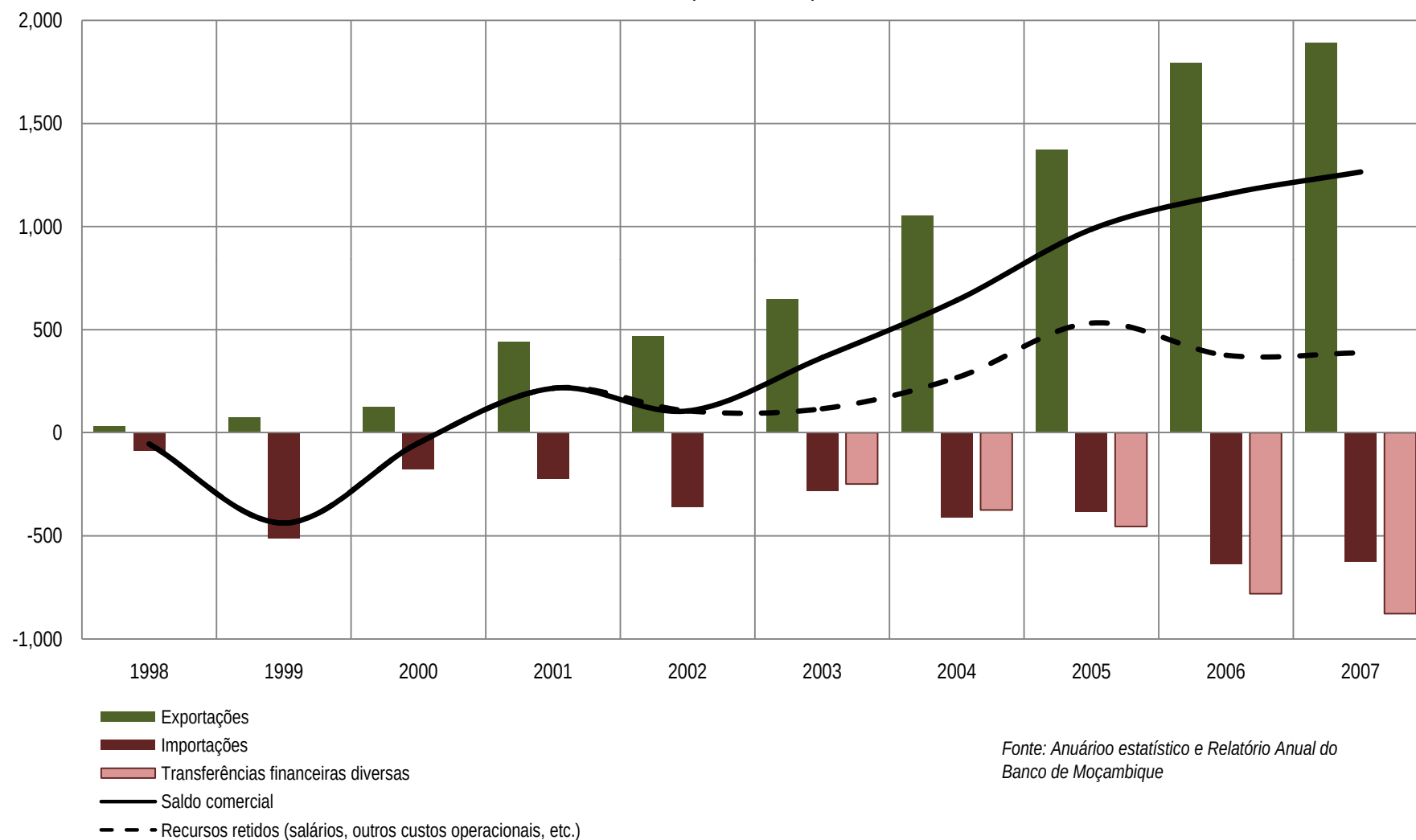
Evidência – conta corrente e mega projectos

Conta corrente: com mega projectos (incluindo e excluindo saldo da conta de rendimentos) e sem mega projects
(US\$ milhões)



Evidência – aproximando o contributo real dos mega projectos

Mega projectos e balança de pagamentos: exportações, importações, transferências financeiras diversas e respectivos saldo (US\$ milhões)



Evidência – o que é que os mega projectos de facto dão à economia?

- Os três quadros anteriores mostram, em relação a apenas dois mega projectos (Mozal e Sazol), o seguinte:
 - Primeiro, o potencial de mobilização de recursos para a economia nacional é grande
 - Segundo, que este potencial não é realizado pelo nível de transferências de recursos financeiros para fora da economia (lucros e outros “custos” relacionados com o investimento) que os mega projectos conseguem realizar e pela dimensão dos incentivos fiscais de que beneficiam
 - Terceiro, como resultado, os mega projectos contribuem muito pouco para a economia, dado que pouco mais pagam do que as suas importações, o financiamento do repatriamento lucros e outros “custos” de investimento, e o financiamento dos custos operacionais. Aliás, o relatório do Banco de Moçambique de 2007 indica que enquanto os mega projectos absorvem acima de 55% do IDE, eles representam apenas 9% do IDE reinvestido em Moçambique;

Evidência – o que é que os mega projectos de facto dão à economia?

- Quarto, aplicando uma tarifa fiscal semelhante à praticada por alguns outros países da região sobre o capital exportado pelos mega projectos:
 - ❖ O Estado poderia aumentar as suas receitas fiscais em US\$ 320 milhões em 2007, aumentando em mais de 50% as suas receitas fiscais. Esta cifra poderia chegar aos US\$ 420 milhões em 2008 por causa de novos mega projectos (se estes tiverem sido concretizados)
 - ❖ A título de comparação, a totalidade de apoio geral dos doadores ao orçamento de Estado (GBS) em 2008 rondou os US\$ 450 milhões.

Conclusões

- Mega projectos (incluindo a extracção de recursos naturais) fazem parte da realidade, dinâmicas e tendências da economia nacional
- Não são irrelevantes. Chamar-lhes irrelevantes é dizer para não fazermos nada com eles. De facto, são relevantes porque estruturam dinâmicas produtivas e políticas centrais do modo de acumulação em Moçambique.
- A questão é como maximizar o seu contributo para a economia nacional através do desenvolvimento de ligações, a mais imediata das quais é relacionada com ligações fiscais.
- A mobilização de recursos, através da tributação, por exemplo, não é um fim em si, mas permite criar o espaço fiscal necessário para promover a alteração do padrão de acumulação e reprodução económica em Moçambique, nomeadamente através da diversificação e articulação da base produtiva (incluindo a promoção da substituição de importações e desenvolvimento do mercado doméstico), do alargamento da base social e regional de acumulação e da geração de novas oportunidades e opções para além da exploração de recursos naturais.